

Para responder às questões de 25 a 27, leia o soneto de Raimundo Correia (1859-1911).

Esbraseia o Ocidente na agonia
O sol... Aves em bandos destacados,
Por céus de ouro e de púrpura raiados,
Fogem... Fecha-se a pálpebra do dia...

Delineiam-se, além, da serra
Os vértices de chama aureolados,
E em tudo, em torno, esbatem derramados
Uns tons suaves de melancolia...

Um mundo de vapores no ar flutua...
Como uma informe nódoa, avulta e cresce
A sombra à proporção que a luz recua...

A natureza apática esmaece...
Pouco a pouco, entre as árvores, a lua
Surge trêmula, trêmula... Anoi-tece.

(Poesia completa e prosa, 1961.)

25

- a) Que processo o soneto de Raimundo Correia retrata?
- b) A primeira estrofe do soneto é composta por três períodos simples em ordem indireta (“Esbraseia o Ocidente na agonia / O sol”; “Aves em bandos destacados, / Por céus de ouro e de púrpura raiados, / Fogem”; e “Fecha-se a pálpebra do dia”). Reescreva esses três períodos em ordem direta.

Resolução

- a) **O soneto retrata o crepúsculo, o anoitecer. O escurecimento da natureza ocorre, pouco a pouco, como se nota, por exemplo, no último terceto:**
A natureza apática esmaece...
Pouco a pouco, entre as árvores, a lua
Surge trêmula, trêmula... Anoi-tece.
- b) **Colocando-se os versos em ordem direta, tem-se:**
1) O sol esbraseia o Ocidente na agonia.
2) Aves fogem em bandos destacados por céus raiados de ouro e de púrpura.
3) A pálpebra do dia fecha-se.

26

- a) Há no soneto menção a um sentimento que permeia e circunda a natureza retratada. Que sentimento é esse? Do que decorre tal sentimento?
- b) Verifica-se na terceira estrofe a ocorrência de uma antítese. Que termos configuram essa antítese?

Resolução

- a) **A descrição do anoitecer está associada à melancolia causada pelo declínio do sol, o qual se assemelha à agonia crescente proporcionada pela sombra resultante do recuo da luz do dia.**
- b) **Há antítese no verso: “A sombra à proporção que a luz recua...”, em que os termos “sombra” e “luz” apresentam ideias opostas.**

27

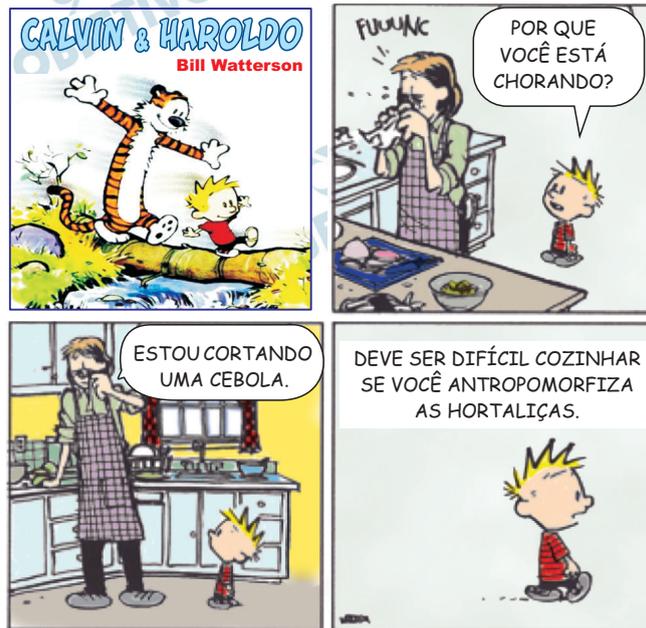
- a) Transcreva da primeira estrofe um exemplo de personificação. Justifique sua resposta.
- b) Cite duas características que permitem filiar esse soneto à estética parnasiana.

Resolução

- a) **A expressão “Fecha-se a pálpebra do dia” atribui característica humana ao dia. Há personificação ou prosopopeia, figura de pensamento que consiste na atribuição de características humanas a seres e objetos.**
- b) **Entre as características típicas do Parnasianismo presentes no soneto podem ser apontadas: a preocupação em compor um quadro descritivo da Natureza (a passagem do entardecer para o anoitecer); a ausência de marcas do enunciador capazes de indicar subjetividade; o amplo emprego do *enjambement* ou extravasamento sintático (entre os versos 1 e 2, versos 2, 3 e 4, versos 5 e 6, versos 7 e 8, versos 10 e 11, versos 13 e 4); o uso de linguagem rebuscada captada tanto nas fortes inversões sintáticas (“Esbraseia o ocidente em agonia / o sol”), quanto no vocabulário seletivo (“oiro”, “vértices”, “núcleo”).**

Examine as tiras do cartunista americano Bill Watterson (1958-).

Tira 1



Tira 2



(O mundo é mágico: as aventuras de Calvin e Haroldo, 2007.)

- a) Na tira 1, como o garoto Calvin interpreta o choro da mãe? Reescreva a última fala de Calvin, substituindo o verbo “antropomorfiza” por outro de sentido equivalente.

- b) Na tira 2, a pergunta do tigre Haroldo poderia ser considerada uma resposta para a pergunta de Calvin? Justifique.

Resolução

- a) O garoto interpreta o choro da mãe como tristeza por ela “ferir” a cebola. Reescrevendo a última fala tem-se: “Deve ser difícil cozinhar, se você humaniza as hortaliças.”
- b) A pergunta retórica de Calvin é respondida por Haroldo, quebrando a expectativa do garoto que acreditava não haver maior desperdício de tempo do que o ato de banhar-se, mas é questionado sobre o quanto gastou para fazer os cálculos para chegar ao resultado de 4 dias por ano se banhando.

Para responder às questões 29 e 30, leia o trecho inicial do conto “Desenredo”, do escritor João Guimarães Rosa (1908-1967).

Do narrador a seus ouvintes:

– Jó Joaquim, cliente, era quieto, respeitado, bom como o cheiro de cerveja. Tinha o para não ser célebre. Com elas quem pode, porém? Foi Adão dormir, e Eva nascer. Chamando-se Livíria, Rivília ou Irlívia, a que, nesta observação, a Jó Joaquim apareceu.

Antes bonita, olhos de viva mosca, morena mel e pão. Aliás, casada. Sorriram-se, viram-se. Era infinitamente maio e Jó Joaquim pegou o amor. Enfim, entenderam-se. Voando o mais em ímpeto de nau tangida a vela e vento. Mas muito tendo tudo de ser secreto, claro, coberto de sete capas.

Porque o marido se fazia notório, na valentia com ciúme; e as aldeias são a alheia vigilância. Então ao rigor geral os dois se sujeitaram, conforme o clandestino amor em sua forma local, conforme o mundo é mundo. Todo abismo é navegável a barquinhos de papel.

Não se via quando e como se viam. Jó Joaquim, além disso, existindo só retraído, minuciosamente. Esperar é reconhecer-se incompleto. Dependiam eles de enorme milagre. O inebriado engano.

Até que – deu-se o desmastreio. O trágico não vem a conta-gotas. Apanhara o marido a mulher: com outro, um terceiro... Sem mais cá nem mais lá, mediante revólver, assustou-a e matou-o. Diz-se, também, que de leve a ferira, leviano modo.

Jó Joaquim, derrubadamente surpreso, no absurdo desistia de crer, e foi para o decúbito dorsal, por dores, frios, calores, quiçá lágrimas, devolvido ao barro, entre o inefável e o infando. Imaginara-a jamais a ter o pé em três estribos; chegou a maldizer de seus próprios e gratos abusufrutos. Reteve-se de vê-la. Proibia-se de ser pseudopersonagem, em lance de tão vermelha e preta amplitude.

Ela – longe – sempre ou ao máximo mais formosa, já sarada e sã. Ele exercitava-se a aguentar-se, nas defeituosas emoções.

Enquanto, ora, as coisas amaduravam. Todo fim é impossível? Azarado fugitivo, e como à Providência praz, o marido faleceu, afogado ou de tifo. O tempo é engenhoso.

Soube-o logo Jó Joaquim, em seu franciscanato, dolorido mas já medicado. Vai, pois, com a amada se encontrou – ela sutil como uma colher de chá, grude de engodos, o firme fascínio. Nela acreditou, num abrir e não fechar de ouvidos. Daí, de repente, casaram-se. Alegres, sim, para feliz escândalo popular, por que forma fosse.

(Tutameia, 1979.)

a) Considere os seguintes provérbios:

1. “A desgraça vem sem ser chamada.”
2. “À desgraça ninguém foge.”
3. “Até com a desgraça a gente se acostuma.”
4. “Desgraça pouca é bobagem.”
5. “A desgraça de uns é o bem de outros.”

Qual dos provérbios mais se aproxima da ideia contida em “O trágico não vem a conta-gotas.” (6.º parágrafo)? Justifique sua resposta.

b) Reescreva a frase “Com elas quem pode, porém?” (2.º parágrafo), substituindo o pronome “elas” pelo seu referente e a conjunção “porém” por outra de sentido equivalente.

Resolução

- a) O provérbio que mais se aproxima do sentido de “o trágico não vem a conta-gotas” é “Desgraça pouca é bobagem”. Em ambos os aforismos, há o conceito de que a desgraça ocorre intensamente.
- b) A frase pode ser reescrita, mantendo-se o sentido, substituindo-se o pronome “elas” pelo referente “as mulheres” e a conjunção “porém”, por outra de sentido adversativo *mas, contudo, entretanto* ou *todavia*. Desta forma, tem-se: “Com as mulheres quem pode, contudo?”

- a) No contexto do conto, explique sucintamente o sentido do trecho “Imaginara-a jamais a ter o pé em três estribos” (7.º parágrafo).
- b) Transcreva dois pequenos trechos em que se verifica certa insegurança do narrador a respeito dos eventos narrados.

Resolução

- a) **Livíria, Rivíria ou Irlívia, três nomes atribuídos à mesma personagem, envolveu-se com Jó Joaquim numa relação extraconjugal. A expressão “ter o pé em três estribos” refere-se, portanto, aos envolvimento de Lirívia com três homens: o marido e dois amantes, sendo um deles Jó Joaquim, que, depois da morte do marido, une-se a ela, é traído e dedica-se a desconstruir a história de vida adúltera de Lirívia, com paciência semelhante à de Jó, figura bíblica.**
- b) **Certa insegurança do narrador a respeito dos fatos relatados é perceptível nestas passagens:**
“Diz-se também, que a ferira de leviano modo”.
“quicá (= talvez) lágrimas”
“Ela – longe – sempre ou ao máximo mais formosa”
“Todo fim é impossível?”
“o marido faleceu, afogado ou de tifo”

Nessas passagens, o narrador não assume taxativamente o que narra ou o que conjectura.

Leia o trecho inicial do artigo “Artifícios da inteligência”, do físico brasileiro Marcelo Gleiser (1959-), para responder às questões 31 e 32.

Considere a seguinte situação: você acorda atrasado para o trabalho e, na pressa, esquece o celular em casa. Só quando engavetado no tráfego ou amassado no metrô você se dá conta. E agora é tarde para voltar. Olhando em volta, você vê pessoas com celular em punho conversando, mandando mensagens, navegando na internet. Aos poucos, você vai sendo possuído por uma sensação de perda, de desconexão. Sem o seu celular, você não é mais você.

A junção do humano com a máquina é conhecida como “transumanismo”. Tema de vários livros e filmes de ficção científica, hoje é um tópico essencial na pesquisa de muitos cientistas e filósofos. A questão que nos interessa aqui é até que ponto essa junção pode ocorrer e o que isso significa para o futuro da nossa espécie.

Será que, ao inventarmos tecnologias que nos permitam ampliar nossas capacidades físicas e mentais, ou mesmo máquinas pensantes, estaremos decretando nosso próprio fim? Será esse nosso destino evolucionário, criar uma nova espécie além do humano?

É bom começar distinguindo tecnologias transumanas daquelas que são apenas corretivas, como óculos ou aparelhos para surdez. Tecnologias corretivas não têm como função ampliar nossa capacidade cognitiva: só regularizam alguma deficiência existente.

A diferença ocorre quando uma tecnologia não apenas corrige uma deficiência como leva seu portador a um novo patamar, além da capacidade normal da espécie humana. Por exemplo, braços robóticos que permitem que uma pessoa levante 300 quilos, ou óculos com lentes que dotam o usuário de visão no infravermelho. No caso de atletas com deficiência física, a questão se torna bem interessante: a partir de que ponto uma prótese como uma perna artificial de fibra de carbono cria condições além da capacidade humana? Nesse caso, será que é justo que esses atletas compitam com humanos sem próteses?

Poderia parecer que esse tipo de hibridização entre tecnologia e biologia é coisa de um futuro distante. Ledo engano. Como no caso do celular, está acontecendo agora. Estamos redefinindo a espécie humana através da interação – na maior parte ainda externa – com tecnologias que ampliam nossa capacidade.

Sem nossos aparelhos digitais – celulares, tablets, laptops – já não somos os mesmos. Criamos personalidades virtuais, ativas apenas na internet, outros eus que interagem em redes sociais com selfies arranjados para impressionar; criações remotas, onipresentes. Cientistas e engenheiros usam computadores para ampliar sua habilidade cerebral, enfrentando problemas que, há apenas algumas décadas, eram considerados impossíveis. Como resultado, a cada dia surgem questões que antes nem podíamos contemplar.

(Folha de S.Paulo, 01.02.2015. Adaptado.)

- a) Para o físico Marcelo Gleiser, o que distingue as tecnologias transumanas daquelas apenas corretivas? Justifique sua resposta.
- b) Cite dois termos empregados em sentido figurado no primeiro parágrafo do artigo.

Resolução

- a) Segundo o texto, as tecnologias corretivas regularizam deficiências físicas existentes, não têm como objetivo a ampliação de características cognitivas, como é o caso do transumanismo.
- b) São exemplos de termos empregados em sentido figurado: “engavetado”, metáfora que se refere a estar preso no congestionamento, e “navegar”, também metáfora, referindo-se a passar de um sítio para outro na internet.

- a) De acordo com o físico, nós já podemos ser considerados transumanos? Justifique sua resposta.
- b) Dêiticos: expressões linguísticas cuja interpretação depende da pessoa, do lugar e do momento em que são enunciadas. Por exemplo: “eu” designa a pessoa que fala “eu”.

(Ernani Terra. *Leitura do texto literário*, 2014.)

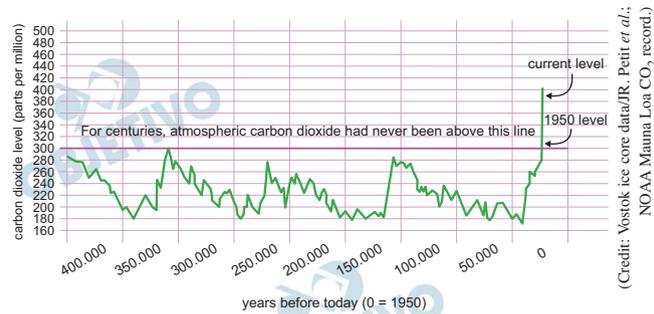
Cite dois dêiticos empregados nos dois primeiros parágrafos do texto.

Resolução

- a) Segundo o autor, o transumanismo, “hibridismo entre tecnologia e biologia”, já está ocorrendo. Marcelo Gleiser considera que os seres humanos estão ampliando sua capacidade por meio de tecnologias que os redefinem de modo que as pessoas já não são as mesmas, caso percam o acesso aos aparelhos eletrônicos, tal como acontece no caso do celular.
- b) O pronome de tratamento “você” foi empregado em sentido generalizante, pois não se refere a uma pessoa em particular, mas a todos os que já vivenciaram as situações descritas no primeiro parágrafo. No segundo parágrafo, o pronome pessoal oblíquo “nos” refere-se ao próprio autor do texto, é usado como plural de modéstia. O pronome possessivo “nossa” refere-se à espécie humana.

Leia o texto para responder, em português, às questões de 33 a 36.

Climate change: How do we know?



This graph, based on the comparison of atmospheric samples contained in ice cores and more recent direct measurements, provides evidence that atmospheric CO₂ has increased since the Industrial Revolution.

The Earth's climate has changed throughout history. Just in the last 650,000 years there have been seven cycles of glacial advance and retreat, with the abrupt end of the last ice age about 7,000 years ago marking the beginning of the modern climate era – and of human civilization. Most of these climate changes are attributed to very small variations in Earth's orbit that change the amount of solar energy our planet receives.

The current warming trend is of particular significance because most of it is extremely likely (greater than 95 percent probability) to be the result of human activity since the mid-20th century and proceeding at a rate that is unprecedented over decades to millennia.

Earth-orbiting satellites and other technological advances have enabled scientists to see the big picture, collecting many different types of information about our planet and its climate on a global scale. This body of data, collected over many years, reveals the signals of a changing climate.

The heat-trapping nature of carbon dioxide and other gases was demonstrated in the mid-19th century. Their ability to affect the transfer of infrared energy through the atmosphere is the scientific basis of many instruments flown by NASA. There is no question that increased levels of greenhouse gases must cause the Earth to warm in response.

(<https://climate.nasa.gov>. Adaptado.)

De acordo com o primeiro parágrafo:

- a) como e quando terminaram os ciclos de avanços e retrocessos glaciais?
- b) os antigos ciclos de mudanças climáticas são atribuídos a que fator? O que esse fator ocasionou?

Resolução

- a) **Esses ciclos de avanços e retrocessos glaciais terminaram há 7.000 anos, com o final repentino da última era do gelo.**
- b) **A maior parte desses ciclos de mudanças climáticas é atribuída a variações mínimas na órbita terrestre, ocasionando uma mudança na quantidade de energia solar que o planeta recebe.**

- a) Quando começou a atual tendência de aquecimento global? Qual é a perspectiva futura para essa tendência?
- b) Em que aspecto a atual tendência de aquecimento global difere das tendências anteriores?

Resolução

- a) **A atual tendência de aquecimento iniciou-se em meados do século XX, como provável resultado da atividade humana.**
- b) **A perspectiva é que o atual aquecimento continue a avançar em índices sem precedentes nas próximas décadas.**

De acordo com o terceiro parágrafo:

- a) o que permite que os cientistas obtenham dados sobre a Terra na atualidade?
- b) que tipo de dados têm sido obtidos e o que revelam?

Resolução

- a) **Satélites na órbita da Terra e outros avanços tecnológicos permitem que cientistas colem dados sobre o aquecimento na atualidade.**
- b) **Há anos tem sido coletados diferentes tipos de informações sobre o nosso planeta e seu clima em escala global, revelando sinais de uma mudança climática.**

- a) Cite duas características atribuídas ao dióxido de carbono no quarto parágrafo.
- b) Identifique a causa e o efeito estabelecidos no trecho do quarto parágrafo “There is no question that increased levels of greenhouse gases must cause the Earth to warm in response.”

Resolução

- a) O artigo menciona, no 4º parágrafo, duas características atribuídas ao CO₂: retenção de calor e capacidade de afetar a transferência de energia infravermelha pela atmosfera.
- b) Quanto maiores os níveis de gases de efeito estufa, maior o aquecimento do planeta Terra.

Texto 1

Um levantamento do Instituto Datafolha divulgado em maio de 2014 apontou que 61% dos eleitores são contrários ao voto obrigatório. O voto obrigatório é previsto na Constituição Federal – a participação é facultativa apenas para analfabetos, idosos com mais de 70 anos de idade e jovens com 16 e 17 anos.

Para analistas, permitir que o eleitor decida se quer ou não votar é um risco para o sistema eleitoral brasileiro. A obrigatoriedade, argumentam, ainda é necessária devido ao cenário crítico de compra e venda de votos e à formação política deficiente de boa parte da população.

“Nossa democracia é extremamente jovem e foi pouco testada. O voto facultativo seria o ideal, porque o eleitor poderia expressar sua real vontade, mas ainda não é hora de ele ser implantado”, diz Danilo Barboza, membro do Movimento Voto Consciente.

O sociólogo Eurico Cursino, da Universidade de Brasília (UnB), avalia que o dever de participar das eleições é uma prática pedagógica. Ele argumenta que essa é uma forma de canalizar conflitos graves ligados às desigualdades sociais no país. “A democracia só se aprende na prática. Tornar o voto facultativo é como permitir à criança decidir se quer ir ou não à escola”, afirma.

Já para os defensores do voto não obrigatório, participar das eleições é um direito e não um dever. O voto facultativo, dizem, melhora a qualidade do pleito, que passa a contar majoritariamente com eleitores conscientes. E incentiva os partidos a promover programas eleitorais educativos sobre a importância do voto.

(Karina Gomes. “O voto deveria ser facultativo no Brasil?”.
www.cartacapital.com.br, 25.08.2014. Adaptado.)

Texto 2

Há muito tempo se discute a possibilidade de instauração do voto facultativo no Brasil. Mas são diversos os fatores que travam a discussão.

Atualmente, é a Lei n.º 4737/1965 que determina o voto como obrigatório no Brasil, além dos dispositivos e penas a quem não comparece ao pleito. Com a imposição, o país segue na tendência contrária ao resto do mundo. Estudo divulgado pela CIA, que detalha o tipo de voto em mais de 230 países no mundo, mostra que o Brasil é um dos (apenas) 21 que ainda mantém a obrigatoriedade de comparecer às urnas.

Para Rodolfo Teixeira, cientista político e professor da Universidade de Brasília (UnB), a atual descrença na classe política pode levar a uma grave deserção do brasileiro do processo eleitoral. O jurista Alberto Rollo, especialista em Direito Eleitoral e membro da comissão de reforma política da OAB de São Paulo, concorda e acredita que o eleitor brasileiro ainda é “deficitário” do ponto de vista de educação política, sem ser maduro o suficiente para entender a importância do voto: “Se [o voto facultativo] fosse implementado hoje, mais da metade dos eleitores não votaria. Isso é desastroso”, afirma.

O cientista político e professor da FGV-Rio Carlos Pereira pensa diferente. O especialista acredita que as sete eleições presidenciais depois do fim da ditadura militar mostram que o momento democrático do Brasil está consolidado. O voto facultativo seria mais um passo a uma democracia plena.

“O argumento de que o eleitor pobre e menos escolarizado deixaria de votar parte de um pressuposto da vitimização. É uma visão muito protecionista”, diz Pereira. “O eleitor mais pobre tem acesso à informação e é politizado: ele sabe quanto está custando um litro de leite, uma passagem de ônibus, se o bairro está violento, se tem desemprego na família. É totalmente plausível que ele faça um diagnóstico e decida em quem votar e se quer votar.”

(Raphael Martins. “O que falta para o Brasil adotar o voto facultativo?”. <http://exame.abril.com.br>, 01.08.2017. Adaptado.)

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva uma dissertação, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema:

O voto deveria ser facultativo no Brasil?

Comentário à proposta de Redação

A Banca Examinadora propôs a seguinte questão, a ser respondida numa dissertação: O voto deveria ser facultativo no Brasil? Ofereceram-se dois textos como base para a produção textual do candidato. O primeiro, publicado na revista *Carta Capital* de agosto de 2014 – ano de eleições – trazia levantamento feito pelo Instituto Datafolha apontando que 61% dos eleitores seriam contrários ao voto obrigatório. De acordo com alguns especialistas citados no texto, permitir o voto opcional representaria um risco para o sistema eleitoral brasileiro, considerando sobretudo o “cenário crítico de compra e venda de votos e a formação política deficiente de boa parte da população”. Esse ponto de vista era reforçado pela constatação de que nossa democracia, “extremamente jovem”, teria sido “pouco testada”. Ademais, na visão de outro analista, o dever de participar das eleições equivaleria a uma “prática pedagógica”, que permitiria o aprendizado do eleitor. O texto trazia ainda opiniões favoráveis ao voto opcional, o qual possibilitaria a participação majoritária de “eleitores conscientes”, além de incentivar a criação de programas eleitorais que educassem a população sobre a importância do voto.

O segundo texto, publicado em agosto de 2017, apontava um contraste entre a obrigatoriedade do voto, determinada por lei no Brasil, e a tendência predominante entre mais de 230 países. Além disso, apresentava o ponto de vista de alguns especialistas: entre os contrários ao voto facultativo, estaria o cientista político Rodolfo Teixeira, para quem o desencanto com a classe política poderia levar a “uma grave deserção do brasileiro do processo eleitoral”, sendo apoiado pelo jurista Alberto Rollo, que acreditava faltar ao brasileiro maturidade suficiente para compreender a importância do voto. Na contramão dessa tese, o cientista político da FGV-Rio, Carlos Pereira, argumentava que o Brasil, após o fim da ditadura militar, estaria democraticamente consolidado, alegando que o eleitor mais pobre hoje teria acesso à informação suficiente para torná-lo politizado, sendo absolutamente plausível deixar a seu critério decidir “em quem votar e se quer votar”.

Após refletir sobre todas essas opiniões, o candidato deveria selecionar aquelas que fossem ao encontro de seu ponto de vista. Caso optasse por posicionar-se favoravelmente ao voto opcional, o candidato deveria, entre outras possibilidades, citar a experiência da maioria dos países que já teria abolido o voto compulsório, prevalecendo nas eleições a escolha consciente e voluntária, caracterizando a maturidade do processo eleitoral. Caso, porém, o vestibulando se mostrasse contrário ao voto

facultativo, seria apropriado lembrar que, do ponto de vista histórico, a democracia no Brasil seria ainda incipiente, não tendo sido consolidada. Somado a isso, o fato de boa parte dos brasileiros não serem politizados, ou seja, não terem recebido educação de qualidade, que lhes permitisse reconhecer o valor das decisões políticas, referendadas pelo voto direto em representantes legitimamente escolhidos, deveria representar um empecilho a qualquer tentativa de tornar o voto facultativo.


OBJETIVO


OBJETIVO


OBJETIVO


OBJETIVO


OBJETIVO


OBJETIVO


OBJETIVO


OBJETIVO